



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

TERESINA E O FUTEBOL DA CAPITAL NA DÉCADA DE 1970

Mayra Izaura de Moura*

Este artigo busca suprir uma necessidade com referência à produção acadêmica que envolve as questões sobre cidades e sobre o futebol piauiense expostas a influências culturais variadas, neste caso uma identidade composta a partir de representações e apropriações pelo desenvolvimento dessa prática cultural na década de 1970.

Há pequena produção sobre a construção de identidades em Teresina sob esse viés e, assim, essa produção vem somar-se à montagem do mosaico cultural teresinense, que visto com esta ótica da identificação de diferenças e semelhanças faz-se rico e de grande contribuição para a história local. A produção de tal pesquisa faz-se pertinente à medida que, nos deparamos com sua relativa pouca abordagem, mas mostrando-se com fácil acesso às fontes tidas como principais à sua realização: as fontes hemerográficas e de ordem bibliográfica.

Partindo desse pressuposto indagamo-nos sobre as o processo de modernização de Teresina na década de 1970 e a efervescência do futebol da capital no contexto estudado, além de trazeremos o que ainda persiste na memória de muitos dos ex-participantes do futebol, que, ainda hoje, ao evocar suas lembranças, deixam transparecer muito de suas vivências e experiências desse período.

* Mestranda do Programa de pós- graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí.

Como se deu o processo de urbanização na cidade de Teresina na década de 1970? Como se difundiu o futebol nesse período? Como a construção do Albertão consolida-se no processo urbano da capital? É a fim de tentarmos perceber possíveis sinais que nos respondam essas questões que passearemos pelas lembranças da cidade de Teresina e do futebol na capital.

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO E O FUTEBOL

O cotidiano nas cidades leva a produzir acontecimentos na vida da população, acontecimentos estes que levam a florescer as lembranças que constituem o tempo e a memória, onde a dinâmica de relembrar se reporta ao âmbito da vida pública ou privada, sendo a memória parte integrante para a construção cultural do seu espaço social.

A temporalidade marcada em 1970 se justifica devido às mudanças ocorridas no cenário nacional onde se percebe uma crescente migração de pessoas do campo para cidade. Em Teresina não foi diferente;

Teresina passa durante a década de 1970 passa por diversas transformações. Há uma transformação do seu espaço urbano marcado pela construção de diversas obras nos governos de Alberto Silva e Joel Silva. Os efeitos desse processo de modernização e segregação dos espaços urbanos deram-se a partir dos anos 1970, pois Teresina começa a modificar-se em seus aspectos urbanos, econômicos e sociais, a partir de intensos fluxos migratórios pelas oportunidades geradas pelo crescimento e diversificação da economia e pela expansão da infra-estrutura básica¹.

Nesse sentido, a política governamental tem ênfase nos ideais modernizantes, destaca Francisco Alcides do Nascimento:

Teresina tornou-se um canteiro de obras, pois o período de governo de Alberto Silva (1971-1975) é praticamente o mesmo do prefeito Joel Silva Ribeiro (1971-1974), tido como o responsável pela construção do anel viário da capital e também pela estruturação da malha rodoviária. É igualmente desse período a abertura da Avenida Miguel [...] Com a intervenção no tecido urbano, o poder público resolvia dois problemas: embelezava a cidade e afastava as prostitutas da sua área mais visível. O discurso médico-sanitarista orientava a limpar a cidade daqueles lugares perigosos à saúde pública, enquanto setores mais conservadores

¹ Análise feita a partir de relatórios do IBAM. FIRME, Denise Penna, Estudo de caso: projeto vila-bairro: Teresina-Piauí – versão condensada. / Denise Penna Firme, Alexandre Santos, Tereza Cristina Baratta. Supervisão de Marlene Fernandes. Coordenação de Carlos Alberto Silva Arruda. Redação de Patrícia Azevedo de Oliveira. – Rio de Janeiro: IBAM, 2002.

da Igreja católica festejavam o fim dos lugares de perdição. (NASCIMENTO, 2007, p. 211)

Em 1973 ao pronunciar-se sobre o aniversário de Teresina, o prefeito Joel Ribeiro mostra através de um discurso, enaltecendo o seu governo, como estavam os ares modernos da capital e enfatiza a sua projeção para o futuro. Para ele, a menina – moça é “aprontada” para a festa de seu grande futuro.

Já se pode sentir a transformação por que passa Teresina. Abrem-se horizontes e já se lhe é permitido olhar para p futuro com o seu desenvolvimento urbanístico controlado, graças à implantação do sistema viário fundamental, que, partindo do centro interliga os subúrbios e oferece condições para que haja ocupação dos grandes claros já saneados e preparados para isso. Tudo seria debalde não houvesse, antes, preocupado o administrador o saneamento das finanças municipais, de cujos frutos munuiu-se dos recursos essenciais com os quais operou nos sistemas da educação, da saúde, limpeza pública e, – o que nos envaidece sobremodo –, permitiram que se desse tratamento justo e humano ao funcionalismo da prefeitura, atribuindo-s -lhe salário móvel com nivela nunca inferiores ao salário- mínimo regional, e a garantia de que, este caso, a legislação que lhe concebe o 13º salário será finalmente cumprida. (JORNAL DO PIAUÍ, 16/17 de agosto de 1973, p. 1)

Observamos nestes relatos como há a tentativa dos governantes empreenderem e de se registrarem frente às grandes obras de caráter desenvolvimentista do contexto apresentado. Assim torna-se oportuno a discussão da pesquisadora Cláudia Fontineles (2010) A memória em combate ao esquecimento é promovida pela sua associação com a retórica, onde a citação e a recitação são instrumentos imprescindíveis na arte de fazer crer.

Praça Deodoro entregue ao Público. "Sinto-me honrado em entregar á comunidade teresinense, na data em que se comemora a passagem do novo aniversário da revolução democrática de 1964, a nova Praça Marechal Deodoro, centro de grandes acontecimentos históricos do Piauí" - foram palavras do Prefeito Joel da Silva Ribeiro ao presidir oficialmente, ontem, ás 9h30m, a inauguração do mais belo logradouro público da capital piauiense. Tecendo considerações em torno da nova praça Deodoro, o Prefeito Joel Silva Ribeiro rebuscou dados históricos enfatizando que a sua preocupação, desde que assumiu os destinos de Teresina, foi a de colocar aquele logradouro como meta do seu programa de governo. Lembrou que, com recursos da municipalidade e com ajuda do Governo do Estado, pôde ali executar sensíveis melhoramentos a citar: 1.200m² de asfalto; 3.400m² de passeio; 2.000m² de calçada em lajota; 1.200m² de gramado, além de 660 metros lineares de gradil e 8 postes, com 15 metros de altura cada, representando um investimento total aproximado de Cr\$ 1 milhão de cruzeiros. (JORNAL DO PIAUÍ, 1º de abril 1973, p.9)

Na matéria citada temos a Praça Deodoro da Fonseca como um registro do prefeito de Teresina diante das obras realizadas em seu governo. A arte de associar lugares, delineando um cenário arquitetural, e requer duas espécies de preceitos: os primeiros regendo a seleção dos lugares e os outros das imagens mentais das coisas que pretendemos nos lembrar e que a arte relaciona a lugares escolhidos.

Ainda em 1973, o Jornal do Piauí, impresso de circulação na época, veiculava notícias dedicadas à cidade de Teresina sobre a revitalização das praças, implantação do anel viário, das ruas e interligação dos bairros. Esse é o cerne das representações da cidade em estudo, empreendedora e articulada com os anseios da “modernidade”- em implementação. Trazemos as notícias como forma de elucidação dos discursos produzidos frente ao novo contexto da cidade.

Prefeitura prepara a cidade. Mesmo trabalhando no anel viário de Teresina o prefeito não esqueceu o centro Da cidade. Primeiramente ordenou uma campanha para embelezamento do centro, com o ajuste da calçada. Não havia mais perigo dos ônibus, vez que já existia anel viário e eles não mais trafegavam pelo centro. Posteriormente, o prefeito voltou-se para as ruas do tráfego considerado bastante intenso, a fim de oferecer condições de perfeito tráfego. Problemas seculares como eram a retirada de casas da Avenida Campos Sales estão sendo resolvida dentro da maior calma, dentro da mais perfeita técnica, pelo prefeito de Teresina. Outras ruas do centro da cidade, dentro do anel viário, mereceram a maior dedicação do prefeito a fim de que os problemas de tráfego não acontecessem. (JORNAL DO PIAUÍ, 16/17 de agosto de 1973, p.6)

As notícias em circulação versam a respeito dos entraves advindos da ocupação territorial do solo, com o crescimento da cidade, em especial, as obras desenvolvidas por Alberto Silva e Joel Silva, em prol de melhorias e os coloca como agentes construtores e modeladores do espaço urbano na capital. As matérias têm grande destaque dentro do Jornal salientando as obras de urbanização na cidade.

Tais reformas se fizeram, como já foi dito, de forma autoritária. As praças, por exemplo, foram totalmente reconstruídas, afetando a relação entre os usuários e o espaço, o qual pode ser transformado em suporte da memória, que, por sua vez, tem relação direta com a memória das pessoas. Mesmo quando o poder público convidava a população a participar do zelo da cidade, o formato soava mais como uma ordem da Coordenação de Planejamento da Prefeitura procurando sensibilizar os moradores, especialmente os residentes na área mais central, a aderir à campanha de embelezamento de Teresina, "trabalho que impescinde da colaboração dos munícipes nas providências concernentes à restauração de calçadas e muros de imóveis dos proprietários. O

proprietário assim contribuindo estará integrando-se à campanha de melhoria urbanística". Não há notícias de que a população tenha atendido ao apelo dos dirigentes da cidade no sentido de deixá-la mais bonita. (NASCIMENTO, 2007, p. 208)

Pensando nesse contexto de transformações dos espaços urbanos veremos como o futebol enquanto prática cultural efervescente nesse período dinamizou espaços e o cotidiano da cidade de Teresina em 1970. Em Teresina, a auto-estima dos cidadãos da década de 1970 está intimamente ligada à identificação do futebol local do período.

A capital ganha novos ares e é nessa revolução urbana que encontramos um contexto interessante para entender a cidade, através da nova mentalidade advinda, das novas práticas culturais e das redes de sociabilidades que construíram um novo cotidiano na cidade.

Assim, o futebol e seus agentes possibilitam a compreensão do passado, permitindo ver a cidade através dos aspectos materiais e imateriais que esse esporte propicia no dinamismo social dela. As representações produzidas pelos praticantes, espectadores e jornalistas do futebol em Teresina permitem conhecer mais sobre a história da capital frente às transformações da década de 1970 que construiu novos referenciais identitários, devido ao processo de modernização do período estudado.

O futebol em seu processo de apropriação como prática cultural em Teresina transformou-se em um fenômeno social que passa a compreender relações econômicas, políticas e sociais durante a década de 1970. Os espaços da prática esportiva, os times, os discursos jornalísticos, as torcidas organizadas e a intervenção do poder público montam o universo do futebol na capital teresinense.

O estádio Albertão nesse contexto é tido como um lugar de memória do processo de urbanização/modernização vivenciado na cidade por seus habitantes no período estudado, pois sua construção deu-se nesse período. Torna-se um templo ritualístico importante para a construção da memória dos grupos que vivenciaram o futebol na capital.

A euforia da conquista da Copa do Mundo em 1970, no auge da ditadura militar, incentivou o governador a construir um estádio de futebol (que recebeu o nome do próprio governador) com capacidade para 70 mil pessoas, à época, metade da população de Teresina. (NASCIMENTO, 2007, p. 207)

A expectativa em torno dessa obra tida como símbolo da prosperidade, possibilitaria aos piauienses o contato com o futebol nacional. Os desejados jogos da seleção brasileira seriam uma realidade e é uma alavanca da empreitada de construção da auto-estima da população local.

Se o governador Alberto Silva assinar uma declaração garantindo que em agosto deste ano o estádio Albertão terá condições de abrigar 40 mil espectadores, a CBD inscreverá o Piauí no Campeonato Nacional de 73. Esta é a condição imposta pelo Sr. João Havelange ante as controvertidas discussões nos meios desportivos do país sobre a participação de alguns Estados na promoção da CBD, este ano. Então também enquadrados nessa condição: Brasília e Santa Catarina. Resta agora saber que resposta o Sr. Alberto Silva dará ao presidente da CBD, diante das duas oposições lançadas: assinar a declaração de compromisso ou esperar para o próximo ano. (JORNAL DO PIAUÍ, 8 de abril de 1973, p.3)

A condição para a participação do Campeonato Nacional traz uma pressão ao governo estadual para a entrega da obra. O governador assume em seus discursos a responsabilidade da entrega, já que há dentro da cidade uma ansiedade para a entrega do estádio que viria proporcionar as realizações do futebol local e um maior contato com os times nacionais. Mas que ainda não têm contornos exatos. Carlos Said escreveu:

Muita gente anda por aí afirmando que o Estado não concluirá em agosto, nem mesmo em setembro, as obras do Estádio Albertão. E se alongam em considerações de toda ordem. Não participamos dessa corrente, nem da outra. O que pensamos é que, se dinheiro houver, se tudo não faltar, neste caso então é possível que esteja pronto. Agora uma coisa é preciso que seja dita, essa obra, para que fique pronta no prazo, vai custar ao Tesouro peso de ouro. (JORNAL DO PIAUÍ, 13 de abril de 1973, p. 1)

As dúvidas seguiam, a população indagava sobre a possível inauguração do estádio e as garantias de que o governo iria realmente cumprir. Alberto Silva diante de tantas especulações assegurou a participação do Piauí no Campeonato Nacional, assim, em resposta a condição apontada por João Havelange. A entrega do Albertão em agosto de 1973.

O governador Alberto Silva, em entendimento pessoal com o Sr. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, assegurou a participação do Piauí no Campeonato Nacional de Futebol do corrente ano. Para tanto, o chefe do executivo piauiense afirmou ao dirigente máximo da CBD que o Estádio Albertão estará em condições de receber um público de 40 mil pessoas quando do início do certame. (JORNAL DO PIAUÍ, 14 de abril de 1973, p.5)

As notícias em torno da construção do estádio remontam um cenário de modernização que a capital vivenciava. Discursos sobre grandes obras, sobre o progresso que a cidade irá tornar-se realidade. “Albertão – A obra do século” era manchete do dia 29 de agosto de 1973, consolidando mais um empreendimento desse governador que se registrava na história como figura de destaque dessa construção fruto do processo de modernização do seu governo.

Quando em setembro de 1971, se iniciaram os trabalhos de terraplanagem do Estádio ALBERTÃO, antes mesmo do lançamento de sua pedra fundamental (13 de março de 1973), talvez não chegasse à meia dúzia o número de pessoas que acreditavam na concretização do “sonho louco” de Alberto Silva [...] Quando estiver concluído disporá o Albertão, além da parte já pronta na primeira etapa, de área para dois ginásios, “hall” de imprensa, capela, cinema, dois vestiários completos para jogadores titulares, dois vestiários completos para reservas, serviço médico (por enquanto funcionamento a título precário, em caráter de emergência), dependências espaciais para policiamento, sala de árbitros, sala de gandulas, 22 cabines de rádio, setor especial de arrecadação, sub-estação abaixadora de energia, restaurante, inclusive o restaurante principal que permanecerá aberto ao público, bares, salão nobre, setor de administração, etc. (JORNAL DO PIAUÍ, 29 de agosto de 1973)

Como vimos, a década de 1970 tem um empreendimento de grande porte para futebol da capital. A construção de um estádio no contexto da época envolve muitos aspectos para o desenvolvimento da cidade e de seus habitantes. A inauguração do estádio tem suas comemorações atreladas a esse registro, a inscrição do governador frente à tão sonhada conquista do teresinense. A programação divulgada nos jornais proporciona perceber esses elementos.

PROGRAMA OFICIAL

Inauguração da 1º etapa do Estádio Governador Alberto Silva

1 - Horário - 7:30 - Missa Campal

Local - Albertão - (Praça de Trabalho) oficiada pelo Sr. Arcebispo de Teresina - Dom José Freire Falcão, com a presença do Sr. GOVERNADOR, autoridades, imprensa e operários da obra.

2- A tarde - horário - 14:00

LOCAL - HALL NOBRE DO ESTADO

Descerramento das placas comemorativas, usando da palavra o Dr. Murilo Rezende, para entrega da 1º etapa das obras o Sr. GOVERNADOR. Homenagem da associação de cronistas esportivas da Guanabara e do fluminense FC ao Sr. GOVERNADOR. As placas

serão descerradas pelo Dr. Murilo Rezende e pelo Cel. Renato de Sousa Lopes, presidente da FPD

14:30 - local - Campo de futebol- desfile das bandeiras dos clubes da capital. O Sr. Governador acompanhado dos capitães das duas equipes entrará ao gramado e dará um chute simbólico ao gol.

14:40 - discurso do Sr. Governador entregando ao povo do Piauí a 1º etapa do estádio

15:00 - Hasteando as bandeiras, Brasil, CBD e do Piauí, execução do hino nacional, pela banda da polícia militar. As bandeiras serão hasteadas pelo Sr. Governador e pelo Dr. Murilo Rezende e pelo Cel. Renato de Sousa Lopes.

15:30 - Início da Competição

17:00 - Entrega do TROFEU comemorativo pelo Sr. Governador ao Capitão da equipe vencedora. (JORNAL DO PIAUÍ, 26/27 de agosto de 1973)

Os discursos e as imagens sobre a inauguração do Albertão elucidam muito sobre os mecanismos políticos e a intervenção do poder público nas atividades da cidade. O festivo e o trágico ganham palco. O que era pra ser uma das principais festas aos vinte e seis minutos do primeiro tempo transformou-se em uma tragédia. Iniciou-se um tumulto gerado por um falso alarde de que o estádio desabaria. Esse alarde surge por um barulho no início da partida. Centenas de pessoas ficaram feridas e houve mortes.

O fascínio com a obra construída e com o olhar exterior voltado para o Piauí não foram suficientes para conter a tragédia que acompanhou a inauguração em virtude do acidente ocorrido.

Cinco mortos e centenas de feridos foi o saldo do trágico acidente que domingo passado que enlutou a família piauiense, quando da realização do jogo envolvendo o Tiradentes e o Fluminense. Segundo alguns, tudo começou quando alguém, ouvindo um ruído surdo no estádio, deu falso alarme de que a obra estava desabando. Criou pânico levando a centenas de pessoas a caírem dentro do fosso do estádio, depois do rompimento da grade que separa as arquibancadas do estádio. Para o Governador Alberto Silva, que ontem à tarde reuniu a imprensa em seu gabinete a fim de falar sobre a tragédia, tudo não passou de um ato criminoso, premeditado e que tem por meta desacreditar o governo da Revolução. (JORNAL DO PIAUÍ, 28 de agosto de 1973)

Assumindo a defesa do seu feito o governador afirma que o acontecido foi apenas um fato isolado, não houve qualquer abalo a estrutura física da construção. O templo do futebol piauiense mesmo com todo o caos inaugural passa a consolidar-se como

um novo e importante espaço de prática de lazer em Teresina. Define a participação no campeonato nacional de 1973 tendo o Tiradentes como representante.

O funcionamento do time Tiradentes estava atrelado ao governo do Alberto Silva que o usava como tática de popularidade a fim de uma inscrição do primeiro governo do Alberto Silva na memória piauiense.

Destacamos nesse sentido, perceber dois times importantes nesse momento: o Tiradentes e o River. O campeonato estadual de 1973 traz consigo um forte mecanismo para elucidarmos aspectos da identidade Teresinense nesse período.

O processo de identificação do torcedor com os times locais remonta muito sobre as práticas de lazer em Teresina durante a década de 1970. O investimento nos clubes, as mobilizações em torno do futebol ganharam força por diversos setores. O Jornal do Piauí aqui analisado traz dentro dos periódicos desse período matérias que mostram como o futebol mobilizou segundo os usos e as funções que nele se encontram, ou segundo os encargos e as diretrizes de quem com ele se relaciona. E ainda podemos ver, de forma indutiva, o que e quem ele representa.

O campeonato de 1973 começa com diversas polêmicas devido à formação de times e as intervenções do poder público dentro das agremiações. O funcionamento do time Tiradentes estava atrelado ao governo do Alberto Silva que o usava como tática de popularidade a fim de uma inscrição do primeiro governo. Alberto Silva relata:

E aí veio o Cruzeiro, com Tostão, com aquele time todinho do tri, e nesse dia foi outro delírio, porque empatamos de novo, com o Cruzeiro, com Tostão, com aquele time todinho do tri, e nesse dia foi outro delírio, porque empatamos de novo, com o cruzeiro. E aí o terceiro jogo foi em Porto Alegre, campeonato brasileiro, o Tiradentes jogou em Porto Alegre, campeonato brasileiro, e venceu o Internacional, aí o povo dançou no meio da rua, então estava consolidada a auto-estima piauiense, dos teresinenses. (FONTINELES, 2010, p.117)

Existia um enlace do Tiradentes que demonstrava uma forte ligação do time com a política, era o Tiradentes do “Sr. Governador” (FONTINELES, 2010, p.117). A inserção do time no campeonato nacional e constitui-se como uma forma de propagar a imagem de Alberto Silva ao sucesso do futebol na capital. As disputas entre os times diante disso acirravam-se. O River montava um excelente time no início do campeonato estadual o que o levou ao título de 1973. Afrânio Nunes presidente riverino narra a conquista do time.

Eram 12 horas da noite do dia 22 de agosto de 1973, quando Derivaldo cobrou pênalti consagrador: Noite inesquecível. Estádio lotado, sem exagero, 95% da torcida estava de vermelho, preto e branco. Era a noite da grande conquista ou apenas um sonho a mais. 90 minutos sem decisão, 0 a 0. Tinha-se a impressão de que poderíamos jogar a noite inteira e o zero seria mantido. Jogamos sem o nosso capitão Paulo Choco, substituído pelo cracaço Chumbinho, Botelho, Gerson Andreotti e Derivaldo nos deram a vitória, sendo o último pênalti cobrado por Derivaldo, transformando o silêncio sepulcral em apoteótica vibração. Teresina viveu sua grande noite. A maior festa que assisti. Fizemos um carnaval em agosto. Campo invadido, arrancaram as traves, tiraram as redes, a pé, a torcida saiu em cortejo até a sede do clube. Sai do Lindolfo Monteiro misturado aos riverinos, ao chegar na Praça Rio Branco a multidão soltava foguetes, um torcedor no ímpeto da alegria deu uma pancada na porta de uma casa comercial e de dentro um vigia desavisado respondeu com tiros, um dos quais atingiu a perna de um torcedor mirim. Fiz um discurso, extravazei tudo que tinha guardado em 9 anos. Vi com orgulho, o prêmio que conquistei, compensando o esforço de 15 meses, de maio de 1972 a agosto de 1973, de lutas, de trabalho e dedicação e, sobretudo, muito amor. A Deus agradei a oportunidade a mim oferecida de levar alegria aos riverinos. (JORNAL O DIA, 23 de agosto de 1973)

Esse relato nos ajuda a perceber a forma apaixonada os torcedores viveram o campeonato estadual em 1973. A identificação com o futebol da capital, que conquistou recorde de público. Percebermos como o teresinense o vivenciava. A conquista desse campeonato representou a conquista do maior título para o River Atlético Clube. O acordo de participação no nacional de 1974, o universo de cobertura da imprensa sobre o time, os desdobramentos políticos frente ao governo do Alberto Silva elucidam alguns questionamentos. Assim, percebemos como as memórias podem hoje servir como grande aporte para o historiador ao analisar as representações e as sensibilidades em torno dos mais variados aspectos sobre a cidade, o campeonato de 1973 ficou registrado como uma boa lembrança para aqueles que puderam um dia torcer, comemorar e vestir-se com as cores do time campeão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É dentro da percepção de que o futebol é parte do mundo moderno que passa a instaurar-se em Teresina, pois ajuda a reproduzir uma série de mecanismos e práticas dessa nova ordem social que chega. Nesse sentido, o futebol construiu muitas fontes para o entendimento da história local e constitui-se como uma forma de se contar a história de

Teresina. Os espaços de prática e a trajetória dos times e campeonatos podem nos mostrar muito sobre uma sociedade que a sua maneira se modernizava².

Tendo em vista essa perspectiva, e na busca por uma história que lança seu olhar para o passado, a partir do presente, temos as memórias e os discursos dos praticantes e simpatizantes do futebol em Teresina na década de 1970, e que ainda persiste na memória de muitos dos que vivenciaram o futebol da capital.

As mudanças e transformações permitiram o surgimento de práticas de lazer consideradas modernas e não ocorreram de uma forma automática. A inserção da sociedade moderna que chega a Teresina e as novas formas de diversão foram procedimentos longos e que não ocorreram de forma sistemática.

Portanto, as categorias estudadas preliminarmente neste artigo nos possibilitam entender a importância do futebol, pois, o estudo do dos sujeitos que vivenciaram o futebol nos anos de 1970, nos mostra como o processo de construção de identidade de determinados grupos possibilitou inverter a partir das práticas futebolísticas, e também a demonstração de como foram sendo afirmados os discursos de modernização que na década estudada já ganha espaço para uma busca de identidade regional-nacional que tornou o futebol bastante popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi [Org.] *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

BEDIN, Pierri Gabrielli. Olhar a cidade no Brasil, ver a modernidade à brasileira. In: BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação. Vol. 10, 1998. Págs. 159-172.

BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas (Vols. I, II e III). São Paulo: Brasiliense. 1985.

BRESCIANI, Maria Stella. Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1990.

² Alguns trabalhos de produção acadêmica locais tratam sobre esse processo de modernização em Teresina. Esse artigo tem como base: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajúna e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.27, nº. 53, jan./jun. 2007.

_____. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 5, setembro de 1984/abril de 1985.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BRESCIANNI, Maria Stella Martins; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res) Sentimentos*. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2002.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo identidade*. 2. edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *Estádio Albertão: entre memória recitada e o apagamento dos rastros*. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (org.). *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010

FRANCO, Hilário Júnior. *A dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

Pierre NORA. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. IN _____ (org). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, [1984]. Vol 1 La République. pp. VII a XLII.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *As cidades de cada dia!* In. _____; MONTE, Regianny Lima (Orgs). *Cidade e Memória*. Teresina: EDUFPI/Imperatriz-MA: Ética, 2009.

NASCIMENTO, Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53.

NUNES NETO, José Alves. *Fatos e Fotos de um campeão*. Teresina: Grafiset, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Vol. 27, nº 53, junho de 2007.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade?* 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FONTES DE JORNAIS E REVISTAS

Jornal do Piauí, 16/17 de agosto de 1973, p. 1

Jornal do Piauí, 16/17 de agosto de 1973, p. 4

Jornal do Piauí, 1973, p.6

Jornal O Dia, caderno esportes, 23 de agosto de 1973.

